

UM ENCONTRO, UM SORRISO E MIL APRENDIZAGENS

Leandro Belinaso Guimarães¹

Data: 03/2000

Estávamos em pleno verão do ano de 1999. Um dezembro quente, em muitos sentidos. Um novo século se avizinhava. Um novo começo (e desde então não paro de algo iniciar) se vislumbrava em minha vida. Chegava à Florianópolis e à Universidade para trabalhar como professor e pesquisador. Já sentia saudade das crianças, afinal deixava para trás quase uma década de sala de aula escolar. E o Ensino Fundamental sempre foi minha preferência para atuar. Tempos de angústia foram aqueles. Um professor recém saído do cotidiano escolar passaria a formar colegas. Como seria isso possível? Parecia algo muito desafiador para quem havia recentemente finalizado seu mestrado em Educação e lecionava quarenta horas distribuídas em duas escolas particulares de Porto Alegre.

Nos primeiros anos de atuação na Universidade federal de Santa Catarina (UFSC), fui o único professor efetivo na área de ensino de biologia. Foi neste contexto que o encontro com Beth se mostrou imprescindível, não apenas para aquele momento, mas para meus, já longos, quatorze anos de Universidade.

Lembro-me como se fosse hoje. Adentrei, em uma manhã qualquer do mês de março do ano 2000, aquela sala que havia descoberto ser o lugar privilegiado para obter informações importantes para minhas aulas. Fui buscar indicações sobre as “práticas de ensino” (sobre as disciplinas agora chamadas de

¹ Professor do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro das Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/CED/UFSC). Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). E-mail: lebelinaso@gmail.com

“estágios supervisionados”). Lá estava uma sorridente professora, que, entusiasmada, começou a me contar sobre as mostras que realizava. Havia material sobre elas para eu consultar e ver como os colegas trabalhavam. Legislações, textos, histórias, muitas histórias. Beth me narrava suas experiências com brilho nos olhos.

Nunca esquecerei, nas histórias que ouvia atento de Beth, sua consistente e pertinente imersão na escola, nos campos de estágio. Acompanhar, orientar, supervisionar lá mesmo, nos locais em que os alunos experimentavam práticas de ensino, foi um de seus ensinamentos. Algo que nunca esqueci e que marcou minha atuação ao longo desses anos. Beth ia longe. O acompanhamento dos estágios eram efetivamente viagens até as distantes escolas que ensinavam alemão. Esta imagem de estar em viagem para poder ensinar nunca saiu de mim.

Sua imersão na escola para o acompanhamento efetivo e afetivo dos alunos também me ensinou o que seria, mesmo, se colocar eticamente em defesa da escola pública, com a inteireza do corpo, do sorriso, da pele e não apenas com palavras lançadas ao ar. Nunca me esqueci desse ensinamento de Beth: estar tão próximo da escola, do campo de estágio (seja ele o espaço formal ou não-formal de ensino) a ponto de dar aulas lá mesmo. Por isso é tão difícil para muitos “estar” professor de estágio na Licenciatura, pois ele nos exige esse tempo da imersão, do encontro, da disponibilidade, da generosidade, da lentidão da experiência, da viagem. Um tempo (que precisa ser cotidianamente conquistado) quase incompatível com a aceleração a que nos destinamos na produção acadêmica atual de pesquisa e de ensino.

Beth me ensinou também a estar, sempre, em viagem. A desejar encontrar no mundo um lugar ainda não pisado em mim. A desgrudar-me. E como escreveu Adriana Lisboa (2014, p. 80), a “levantar os pés para caminhar [no meu caso também para correr pelas ruas], estudar a bússola e o mapa, mas randomizar todos os

gestos. Traçar uma reta, menor caminho entre dois pontos, e picotá-la”.

Levo comigo seu sorriso e seu brilho Beth. Aprendi contigo que é preciso sempre começar. Obrigado!

REFERÊNCIAS:

LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

Recebido em 29/02/2013

Aprovado em 23/03/2013